

3. A gramática gerativa e suas escolhas epistemológicas

Passemos agora a situar o núcleo rígido do gerativismo em relação às suas escolhas epistemológicas, cotejando-o com o que desenvolvemos até aqui acerca dos temas fundamentais da filosofia da ciência.

Uma das questões centrais é, seguramente, como lidar com a noção de mental ou de instância de base biológica que sustenta o programa gerativista. Muitas vezes essa noção é tomada, sobretudo pelos pesquisadores que trabalham no quadro de referências gerativistas, de fato, num sentido que chamaremos de concreto, ou seja, como se houvesse, de fato, uma correspondência, de natureza realista, entre entidades de um modelo teórico sobre a gramática de uma língua e uma instância ou propriedades presentes no cérebro. É bem possível que adotar esse tipo de concepção se deva também a uma maneira cômoda de se referir ao objeto de estudo gerativista. O próprio Chomsky dá margem a esse tipo de interpretação ao expor suas ideias da maneira seguinte: “O que está realmente representado na mente de um indivíduo” ou “o cérebro usa notações como”⁸⁷ (CHOMSKY, 1981a, p.8 e p.35 [tradução nossa]). No entanto, como estamos a mostrar, definir exatamente qual é o pensamento chomskiano é uma tarefa exegética complexa.

87 “What is actually represented in the mind”; “the brain uses such notations as”.

Vamos, inicialmente, lembrar o fato de que a pesquisa de natureza cognitivista se abstém de, ou, pelo menos, não é condição imprescindível, buscar as correlações entre entidades cognitivas modeladas a partir de recursos lógico-matemáticos e seus eventuais “doblés” neurofisiológicos – embora certas posturas da biolinguística atual, como ainda mostraremos, parecem apontar noutra direção. Essa escolha dribla, por assim dizer, uma decisão no que concerne à dicotomia realismo/não realismo. A recusa do fisicalismo pelo nosso autor parece também vir em auxílio ao que acabamos de afirmar. Chomsky, é verdade, recusa a posição do dualismo de substância, sempre insistindo que “mental” para ele designa tão-somente uma “área” do mundo a ser investigada. O seu realismo ou monismo é, assim, de esperança, quer dizer, espera-se que um dia as correlações entre o mental e o físico sejam enfim estabelecidas e que alcancemos toda a objetividade científica almejada. Por hora, nada nos impede de realizar o trabalho mais adequado possível atingindo a adequação empírica, que leva em conta, basicamente, critérios como os propostos originalmente por Feigl e explorados por outros autores como van Fraassen e Popper.

No nosso modo de ver, a visão chomskiana, além de levar em conta aspectos metodológicos sistematizados que definem sua maneira de conceber a perspectiva naturalista, aproxima-se, como passamos a comentar, da posição sobre o realismo refletida nos trabalhos de Quine e Putnam. Apesar das divergências de Chomsky (2000), em vários pontos, com os dois autores que acabamos de mencionar, parece-nos que a própria possibilidade de investigação da instância cognitiva, na sua manifestação de linguagem, é debitária, de alguma forma, da visão sobre o realismo desenvolvida por eles.

Por sua clareza, podemos partir da metáfora de Quine, já utilizada, para explicitar o que acaba de ser dito: as teorias são como “um pano tecido pelo homem cujo contato com a experiência se

faz nos seus contornos” (QUINE, 1980 [1951], p.117). O cotejo com a experiência se dá, como vimos, de forma global, ou holística, e é nas fronteiras da teoria que ela esbarra com os fenômenos, o que permite procedermos a ajustes teóricos os quais se fazem no interior do campo teórico. O equilíbrio do modelo, testado pela sua adequação empírica, tem um papel relevante na formulação de novas hipóteses, nos ajustes internos ou no abandono de hipóteses outrora eficazes. Quine rejeita, assim, a visão realista correspondentista, o que é inteiramente compatível com os resultados aos quais chega Putnam ao recusar, como já expomos, (1) a existência de objetos independentes da mente; (2) a possibilidade de uma descrição única do mundo e (3) a correspondência simplista da verdade como correspondência com o mundo. Segundo o autor, portanto, “somos nós que recortamos o mundo em objetos quando introduzimos esse ou aquele esquema de descrição⁸⁸” (PUTNAM, 1984, p.64).

As visões de Quine e Putnam acerca da concepção da relação entre a teoria e a comprovação empírica parecem-nos compatíveis com pressupostos epistemológicos que sustentam o cognitivismo e a Teoria Gerativa.

Chomsky, ao propor, como já dito, que “mental” é apenas uma “área” do mundo a ser investigada, parece, assim como os autores supracitados, colocar-se contrário a uma visão realista correspondentista de tipo clássico. Como dissemos, suas considerações sobre o fisicalismo, com a conseqüente recusa de garantir uma definição explícita do que é o físico, já prenunciam o que acabamos de afirmar. Retomemos a discussão pela citação seguinte: “Construímos as melhores teorias explanatórias que pudermos tomando como real o que for postulado nas melhores teorias que pudermos conce-

88 “C'est nous que découpons le monde en objets lorsque nous introduisons tel ou tel schéma de description”.

ber (porque não há outra relevante noção de ‘real’), buscando unificação com estudos de outros aspectos do mundo”⁸⁹ (CHOMSKY, 1995^a, p.5 [tradução nossa]).

Como se vê, o autor não assume uma noção de “real” na acepção tradicional. Nesse sentido, não parece equivocado afirmar que noções geradas no âmbito do gerativismo não devam receber a qualidade de “coisas” reais – sendo inexiste, pelo menos, na hora atual, preocupação em buscar correlação, por exemplo, entre a operação computacional Mover (*Move*) e algum mecanismo sináptico ou alguma dinâmica proteica cerebral; ou seja, as noções são, como diz Putnam, recortes que fazemos no mundo de acordo com o esquema descritivo escolhido. Esses recortes devem, entretanto, passar pelo crivo da comprovação empírica. Outra aproximação possível entre a visão chomskiana e a dos filósofos analíticos supracitados diz respeito ao confronto empírico do conjunto da teoria, que se dá, em sua periferia, com os fenômenos investigados e ao ajuste interno do modelo que rejeita e elabora hipóteses. Nessa direção, é particularmente interessante observar a constante revisão, com espantosa velocidade, dos modelos gerativistas sucessivos, que, muitas vezes, eliminam noções as quais, num dado modelo, foram cruciais, como, por exemplo, o papel da noção de categoria vazia no chamado modelo GB (CHOMSKY, 1981a), com implicações epistemológicas importantes, e que podem também resgatar noções abandonadas em modelos pretéritos, ganhando nova relevância e desempenhando um papel importante na comprovação empírica da totalidade do modelo, como a noção de ciclo transformacional, do modelo Padrão, revivida por meio da abordagem de fases (CHOMSKY, 2008).

89 “We construct explanatory theories as best we can, taking as real whatever is postulated in the best theories we can devise (because there is no other relevant notion of “real”), seeking unification with studies of other aspects of the world”.

Poderíamos pensar que Chomsky concordaria com Putnam quando este, por outro lado, resgata a noção de referência, a qual, apesar dos recortes teóricos distintos, permanece estável; foi o que vimos acerca do exemplo do elétron; as teorias admitem sua existência embora possam concebê-lo diferentemente. No entanto, o trecho seguinte parece mostrar que o cotejo sugerido se mostra improcedente:

Em relação à semântica, na medida em que compreendemos o uso da língua, o argumento em favor de uma semântica fundada na referência (com exceção de sua versão sintática internalista) parece-me fraco. É possível que a linguagem não tenha senão uma sintaxe e uma pragmática; não há uma “semântica” senão no sentido de um estudo da maneira de utilizar efetivamente numa comunidade linguística esse instrumento, cuja estrutura formal e as possibilidades expressivas fazem objeto de uma investigação sintática (...) não se parte do princípio que a linguagem serve para representar o mundo no sentido no qual essa expressão é entendida (SOAMES, 1989), citado por B Smith (1992) como a questão crucial para filósofos e para o estudo da linguagem⁹⁰ (CHOMSKY, 2000, p.132[tradução nossa]).

Chomsky desenvolve farta exemplificação no intuito de justificar sua descrença numa teoria semântica que tenha a noção de referência como base, entendendo que a abordagem naturalista metodológica é capaz de tratar, apenas, propriedades formais do significado como, por exemplo, a relação operador/variável, o que seria, como entendemos, um tipo de sintaxe estendida. Um

90 “As for semantics, insofar as we understand language use, the argument for a reference-based semantics (apart from an internalist syntactic version) seems to me weak. It is possible that natural language has only syntax and pragmatics; it has a “semantics” only in the sense of “the study of how this instrument, whose formal structure and potentialities of expression are the subject of syntactic investigation, is actually put to use in a speech community. (...) it is not assumed that language is used to represent the world, in the intended sense. (Soames (1989) cited by B. Smith (1992) as the core issue for philosophers or language).”

desses exemplos refere-se à discussão sobre o que é referir-se à cidade de Londres. Para ele, os próprios termos não se referem, por si sós, aos referentes; nós, dependendo de nossas intenções, os utilizamos para tal. A cidade de Londres pode, por exemplo, ser completamente destruída e ser reconstruída anos depois; ora, não seria mais a mesma cidade, mas continuaríamos a chamar-lhe de Londres (CHOMSKY, 2000, p.37).

Com base no exposto, a questão que queremos colocar é a seguinte: tendo em vista a posição de Chomsky no que se refere à relação linguagem/mundo, o que dá elementos para não o incluir no rol dos realistas correspondentistas, que papel teórico tem, na verdade, o fato de eleger-se uma instância mental como objeto de estudo da Gramática Gerativa?

A sua posição é fundamentalmente a mesma nos vários textos que tratam do tema (CHOMSKY, 2000, 1981b, 1986, 1988). “Eu utilizarei aqui os termos ‘mente’ ou ‘mental’ sem conotação metafísica”⁹¹ (CHOMSKY, 2000, p.106 [tradução nossa]). Trata-se, como já apontamos, de produzir uma teoria da linguagem, sobre bases naturalistas, que atribua à mente/cérebro propriedades computacionais, ficando no aguardo de uma futura unificação com as demais Ciências da Natureza. A visão naturalista sobre esse objeto de estudo supõe admitir que certas propriedades do cérebro são dedicadas às propriedades linguísticas e constituem uma entidade nomeada faculdade da linguagem; e o estado inicial dessa faculdade é um patrimônio biológico.

Embora Chomsky afirme seu não engajamento ontológico a modelos descritivos específicos que visam a estabelecer as propriedades da faculdade da linguagem, o que é facilmente constatado, como dissemos, pela alternância dos vários modelos gerativistas,

91 “I will be using the terms ‘mind’ and ‘mental’ here with no metaphysical import”.

essa noção tem a função de um lastro epistêmico que sustenta o programa de pesquisa gerativista, desempenhando um papel fundamental na constituição do núcleo rígido do gerativismo. A esse respeito, podemos retomar o trecho seguinte de Chomsky (1981b, p.145) acerca da realidade dos construtos teóricos:

Nossa investigação do mecanismo da faculdade da linguagem (...) é algo semelhante à investigação de reações term nucleares no interior do Sol, que se limita a dados fornecidos pela luz emitida na periferia. Observamos o que as pessoas dizem, fazem, como reagem e respondem (...) de forma que esse comportamento forneça algum dado relativo aos mecanismos operativos. A seguir tentamos (...) imaginar uma teoria (...) referente a esses mecanismos (...). Se nos pedirem que provemos que os construtos teóricos postulados naquela teoria têm “realidade psicológica”, nada podemos fazer além de representar os dados e as explicações propostas a respeito desses construtos (...) não podemos provar que é verdadeira.

Esse trecho ilustra de maneira bastante clara a posição de Chomsky que é compatível, aliás, com a distinção carnapiana, já comentada, entre verdade e confirmação. Os construtos teóricos podem e devem ser comprovados empiricamente à la van Fraassen, o que se dá globalmente como quer Quine, mas não podemos garantir sua realidade e, nesse caso, é melhor suspender o julgamento no que concerne sua eventual existência; sobretudo, no caso gerativista, cujo cotejo com propriedades neurofisiológicas não é tomado como crivo fundamental de adequação descritiva ou explicativa do que é proposto.

Vimos, no entanto, que o debate acerca do papel da biologia na justificação do programa gerativista tem se aprimorado e a correlação entre seu objeto de estudo e “entidades” ou propriedades de natureza biológica tem recebido novas abordagens a partir do advenço da perspectiva da biolinguística atual (BERWICK; CHOMSKY, 2011, 2017; CHOMSKY *et alii*, 2019).

REVISÃO

Bruna Toso

CAPA E PROJETO GRÁFICO

Estúdio Guayabo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Vitral, Lorenzo

Gramaticalização e gramática gerativa [livro eletrônico] :
fundamentação, o problema mente/corpo e domínios de validade
/ Lorenzo Vitral. – Campinas, SP : Editora da Abralín, 2021. -- (Altos
estudos em linguística)
PDF

Bibliografia.

ISBN 978-85-68990-04-9

1. Epistemologia 2. Gramática gerativa 3. Gramaticalização
4. Linguística 5. Pragmática I. Título. II. Série.

21-81227

CDD-410

Índices para catálogo sistemático:

1. Linguística 410

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

DOI 10.25189/9788568990049